# Djacir Meneses

HÉLIO MELO (*)

O Ceará acaba de perder, no dia 8 de junho fluente, sua maior expressão cultural. Não sou em quem o diz. Certa ocasião, numa roda de intelectuais em Fortaleza, de que participava Gilberto Freire, ouvi quando o sociólogo pernambucano perguntou quem era considerada a figura exponencial da terra. Jáder de Carvalho, antes que alguém se pronunciasse e com sua habitual franqueza, respondeu pronta e incisivamente: Djacir Meneses. E no dicionário da Literatura Cearense, de Raimundo Girão e Maria da Conceição Sousa, há um registro que vem corroborar essa afirmativa irrefutável, quando diz que Djacir Meneses é "considerado a mais baseada cultura do Ceará atual". Perde, também, o Instituto do Ceará o seu mais antigo membro efetivo, para cujos quadros foi eleito em 20 de abril de 1933, havendo tomado posse no dia 20 de maio do citado ano. Djacir atendia assim a um convite que lhe fora feito pelo Barão de Studart, por intermédio do saudoso general Carlos Studart Filho, cujo centenário de nascimento transcorreu no dia 17 deste mês. Falar, pois, sobre Djacir Meneses importa grande responsabilidade.

Deixou portentosa obra que abrange vários ramos do saber humano: Filosofia, Sociologia, Economia, Direito, Literatura, etc, nos mais de cinqüenta livros que publicou. Citemos alguns deles: FILOSÓFICAS E CIENTÍFICAS: "O Problema da Realidade Objetiva", "Raízes Pré-socráticas do Pensamento Atual", "O Sentido Antropógeno da História", "Hegel e a Filosofia Soviética", "Temas de Política e Filosofia", "R. Mondolfo e as Interrogações de nosso

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

Tempo", "Evolucionismo e Positivismo na Crítica de Farias Brito", "Proudhon, Hegel e a Dialética", "Teses quase hegelianas", "Idéias contra Ideologias", "Filosofia do Direito", "Temas Polêmicos".

SOCIOLÓGICAS: "Diretrizes da Educação Nacional", "Preparação ao Método Científico", "O Outro Nordeste", "Teoria Científica do Direito de Pontes de Miranda", "O Princípio de Simetria e os Fenômenos Econômicos", "O Ouro e a Nova Concepção da Moeda", "Direito, Socialismo e Confusionismo", "As Elites Agressivas", "Das Leis Econômicas", "Estudos de Sociologia e Economia", "O Brasil no Pensamento Brasileiro".

DIDÁTICAS: "Psicologia", "Pedagogia", "Princípios de Sociologia", "Economia Política", "Introdução à Ciência do Direito", "Dicionário Psico-Pedagógico", "Direito Administrativo Moderno", "Finanças das Empresas", "Introdução à Economia" e "Tratado de Economia Política".

A sua "Introdução à Ciência do Direito", publicada e várias vezes republicada pela editora Freitas Bastos e destinada a alunos das faculdades de Direito do País, teve a aceitação merecida. Nela se firma uma parte da ciência jurídica de que tinha profundo conhecimento. Além disso, tem todos os requisitos de uma obra didática: plano, método e clareza de linguagem.

Sua última obra de cunho acentuadamente didático é o "Tratado de Filosofia do Direito", publicado pela Editora Atlas, em 1980. Nesse livro, Djacir faz um repasse crítico dos temas fundamentais de filosofia do Direito, apreciando-os segundo as visões mais autorizadas de jusfilósofos de todo o mundo ocidental, tanto de ontem como de hoje.

O exercício do magistério, no mais genuíno sentido da palavra, foi a ocupação exclusiva de sua vida. A ele ligou todas as atividades de sua existência, quer como diretor do Centro de Estudos Brasileiros em Buenos Aires (1953-1954), quer quando esteve à frente do Instituto Bolívia-Brasil (1958) e ainda quando regeu a cátedra de Literatura e Problemas Brasileiros na Universidade Nacional Autônoma do México (1959). No Rio foi professor titular de Filosofia do Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, diretor do Centro de Ciência e Filosofia Política, do INDIPO, da

Fundação Getúlio Vargas, membro do Conselho Federal de Educação, bem como do Conselho Federal da Cultura, catedrático da Faculdade de Filosofia e da Faculdade de Administração e Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, condecorado com a Ordem do Mérito Cultural, membro da Academia Brasileira de Ciências Econômicas e Administrativas. Dizia-me que o título que mais o honrava era o de membro efetivo do Instituto do Ceará. Sua carreira no magistério culminou com sua escolha para Reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Emérito da mesma Universidade.

Na capital da República, para onde se mudara em 1941, passou a colaborar, como o fazia no Ceará, nos jornais e revistas da Capital Federal, e a participar, como já dissemos, de modo evidente, da vida cultural brasileira.

Foram também expressivas suas atividades no Ceará.

O ilustre cearense nasceu na cidade de Maranguape, no dia 16 de novembro de 1907, sendo filho do Dr. Paulo Elpídio de Meneses e de D. Oda Freire de Lima Meneses. O curso primário, fê-lo no Instituto Miguel Borges, e o secundário no tradicional Liceu do Ceará, tendo sido o orador da turma (1925). Jovem, bem jovem ainda, o verdor dos anos já corria de par com sua instrução vasta e variada e sobretudo com a proficiência literária, adquirida nos continuados anos de intesa leitura dos escritores clássicos portugueses a que se dedicou muito cedo. Destes, lembro-me bem, citava, como os de sua preferência, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, cuja estátua visitou em Lisboa, Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Pe. Antônio Vieira e tantos outros.

Em 1926 iniciou o curso de ciências jurídicas e sociais na Faculdade de Direito do Ceará, tendo-se transferido, em 1929, para o Rio, em cuja Faculdade de Direito da Universidade do Brasil se bacharelou em 1930, havendo colado grau somente em abril do ano seguinte. Regressando ao Ceará, fez o curso de Doutoramento, em 1932, em nossa Faculdade de Direito.

Forrado de um bom lastro cultural, iniciaria sua luta pela segura e brilhante caminhada no magistério. Fez concurso para catedrático de Psicologia na Escola Normal, hoje Instituto de Educação Justiniano de Serpa, para onde levou o brilho de sua inteli-

gência e o fulgor de seu talento. A seguir, conquistou a cátedra de Introdução à Ciência do Direito de nossa escola jurídica. Ainda, por concurso, exerceu as funções de Inspetor Regional do Ensino. No dia 10 de novembro de 1938, fundou a Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, que foi posteriormente encampada pelo governo do Estado. Além de dirigir a Faculdade, foi seu professor da disciplina Economia Política.

Casou-se o Professor Djacir Meneses com D. Stela Pontes Meneses. Desse consórcio houveram quatro filhos: Vladir, professor e advogado e nosso confrade neste Instituto, Vladenir e Djacir Filho, engenheiros, e Vleuda, advogada e a única filha do casal.

Djacir amava veramente o Ceará. Provam-no as inumeráveis vezes em que visitou a terra natal. Dizia-se "cidadão da Praça do Ferreira". Depois de aposentado, disse-me, certa vez, que seu desejo era regressar a seus pagos e morar na praia da Precabura, próximo de nosso comum e dileto amigo Paulo Bonavides, dois brilhantes espíritos que se afinavam culturalmente de maneira admirável. Porém, o amor da única filha, Vleuda, o impedia de deixar o Rio de Janeiro. Embora haja vencido no sul do País, confessou-me que se advinhasse o percurso de dificuldades que iria atravessar, não se teria ausentado de sua terra. É possível que haja exagero no que disse. Os que o conheceram de perto sabem perfeitamente que aquele espírito privilegiado era dotado também de extraordinária coragem e força de vontade. E venceu porque aliava tudo isso à sua notável cultura.

Sua íntima convivência com os autores clássicos alemães por certo produziu poderosa impressão em seu espírito. Tudo em Djacir é dito de forma grandiloqüente. Nele ganha-se tanto na extensão, quanto na substância, por isso, sua obra oferece vastíssimo campo de estudo. O ínclito mestre sempre teve jus aos aplausos de quantos o leram, porque brindou as letras pátrias com trabalhos de grande envergadura cultural. Que seiva admirável não se pode tirar de cada um deles? Além de professor nato, foi escritor fecundo, autor de obras que também o consagraram como um dos maiores mestre do Brasil.

Minhas senhoras e meus senhores, cumpre-me ser breve por mim e pelo auditório. Djacir, repito-o e nunca é demais dizê-lo,

merece aprofundado estudo a respeito de tudo quanto deixou, de inegável mérito.

O Instituto do Ceará presta justa homenagem à memória de um homem de tanta dimensão cultural que, por dilatados anos, ilustrou o seu quadro social. E aqui fica também consignada, mais que a admiração ao insigne mestre, a impressão indelével da minha amizade e profunda afeição ao eminente confrade e inesquecível amigo a quem devo, e o faço agradecidamente, a indicação de meu nome ao Gen. Carlos Studart Filho, então Presidente deste órgão, para ocupar a vaga deixada pelo doutor filólogo Martinz de Aguiar..

A posteridade, sempre severa em seus julgamentos, há de reconhecer e proclamar o valor desse conspícuo cearense que tanto elevou o nome de sua terra. Pode demorar, é verdade. Farias Brito ainda não foi devidamente julgado não só dentro como fora do País. Continuam os estudos a seu respeito. Quanto a Djacir, esperamos que, em menos tempo, se confirme sua atual e elevada posição no cenário cultural brasileiro.